

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XXIII

Semanário regionalista

N.º 713

Composto e impresso na Tipografia Figueirense

Director, Editor e Proprietário:

Redacção e Administração — Bairro Teófilo Braga

Figueiró dos Vinhos

Doutor Manuel Simões Barreiros

Figueiró dos Vinhos

No Bom Caminho

No dia 24 do mês findo a Emissora Nacional poz os seus microfones na frente de categorizados jornalistas que em representação da Imprensa portuguesa regressavam por via aérea da viagem inaugural da nova linha Lisboa-Sevilha, dos Transportes Aereos Portugueses.

Aqueles que como eu procuram acompanhar de perto a vida pública, por devoção patriótica, por dever cívico e por interesse próprio nesta hora cheia de inquietações e de incertezas, ouviram com prazer as declarações dos jornalistas, que se mostravam encantados e não regateavam elogios à excelência do avião que os transportara.

Terá algum interesse comercial a nova carreira? Estou em dizer que não: mas isso pouco importa.

Vejo na iniciativa um objectivo de natureza espiritual que a minha formação política e a minha cultura modesta aplaudem com calor.

Portugal e a Espanha ligados geograficamente por uma fronteira que se alarga por 1.209 quilómetros, situados no extremo dum Europa arruinada e doente, formam barreira contra a vaga de barbaria que o comunismo desencadeou sobre o Mundo.

A Espanha, cujos sacrifícios e martírios por amor da Humanidade e da Civilização o deputado Botelho Moniz ontem enalte-

ceu na Assembleia Nacional, tem jus à admiração, ao respeito e à gratidão do Mundo inteiro.

Está na verdade o sr. Major Botelho Moniz quando proclama que a perigosa ofensiva comunista se iniciou em 1936 na Espanha onde os vermelhos a soldo de Moscovo cometeram os crimes mais abomináveis, as torpezas mais abjectas, as infâmias mais reles, os mais repugnantes atentados contra o direito e a moral.

Salazar, cujo génio político *urbi et orbe* hoje se reconhece, foi então alvo de críticas severas, de incompreensões desconcertantes, de ataques vindos daqueles lados que mesmo agora ainda não sabem medir o alcance do serviço que a Península prestou ao Direito e à Civilização.

Que a Inglaterra, sempre tardia em modificar opiniões, mesmo quando a lógica e a razão parecem impô-lo, persista teimosamente em não dar o braço a torcer, sou capaz de admitir; mas que a América acabe desastrosamente por desfazer à última hora o lindo e nobre gesto da Câmara dos Representantes admitindo a Espanha como beneficiária do plano Marshall, é que na verdade impressiona.

Tal como o autor da proposta de inclusão da Espanha, eu opino que é a América que precisa da Espanha e não a Espanha que precisa da América.

Chamo a atenção dos leitores para a parte do discurso do sr. Major Botelho Moniz em que ele próprio responde à pergunta que formulou: «E se a Espanha de 1939 fosse comunista?»

Tudo isto veio a talho de foice a propósito de mais uma ligação rápida por via aérea com a Espanha.

Apesar de viverem paredes meias, portugueses e espanhóis conheciam-se pouco, e por isso pouco se compreendiam e estimavam. Outra verdade que não vejo motivo para ocultar, uma vez que a política inteligente e séria de Salazar, jubilosamente aceita pela Espanha em perfeita reciprocidade, deu aos dois Países o invejável ensejo de prestarem contributo de peso no ataque ao maior inimigo da Humanidade em todos os tempos: o comunismo.

Praza a Deus que me engane em meus sombrios prognósticos. Sou pouco dado a pessimismos, e se de algum mal soffro é de acreditar e confiar ingenuamente. Sustento, porém, que ao ver adensar as nuvens dum borrasca que me parece inevitável, temo por todos nós, que amanhã

(Continua na 2.ª página)

Poder do Estado no Estado Novo

Um dos princípios fundamentais da doutrina do Estado Novo—consoante se lê nos Estatutos da União Nacional—diz o seguinte:

«O poder do Estado, na sociedade portuguesa, apenas tem por limite a moral, a justiça e a lei». Quer isto dizer, por outras palavras, que não manda o Estado Novo «despoticamente», nem se considera «o criador do Direito», nem identifica a lei com a vontade de legislador. E daí, se é despótico, respeita a dignidade de pessoa humana nos indivíduos, com a liberdade da sua auto-determinação; se não se considera o «criador do Direito», reconhece acima de si o «Direito Natural», cuja origem é a natureza humana, igual em todos os indivíduos; se não identifica a lei com a vontade do legislador, à lei obedece também o Estado Novo, o que nos diz a palavra ouvida da boca dos nossos governantes:—«Servir».

Eis, o que é fundamental na doutrina da constituição do Estado português.

El, sendo assim, lá acrescenta o mesmo princípio:—«todas as pessoas e coisas estão sujeitas a ele (o Estado), dentro dessa regra. Quer dizer:—reconhecendo o Estado Novo acima de si a moral, a justiça e a lei, «ipso facto», sujeitos lhe estão a ele todos os indivíduos, porque sujeitos estão todos os indivíduos, à moral, à justiça e à lei. Esta regra que dizemos, não distingue Estado ou Governo e governantes de indivíduos ou governados, porque a todos transcende, e a todos obriga.

E só assim há ordem, pela harmonia natural da autoridade com a liberdade—e há paz, consequência da ordem.

Notas do Banco

O Banco de Portugal resolveu retirar da circulação, a partir de 30 de Junho, as notas de 1.000\$00 (Castelo Melhor) e de 500\$00 (Silva Carvalho), ambas «chapa 5».

SUBSIDIO na invalidez

Expressão de agregado humano da freguesia rural, as Casas do Povo, na facetada multiplicidade das suas actividades adentro dos grandes círculos da assistência e previdência, são, na realidade, pedras angulares com que o País tem de contar na realização dos problemas sociais em curso.

Representante dos interesses morais e espirituais da população rural, a Família tem nessas instituições uma das mais seguras orientadoras e continuadoras da tradição portuguesa, base de harmonia e compreensão do trabalho nas suas

relações entre patrões e criados. No capítulo, porém, da Previdência, a sua função é de primordial importância, dado que a sua acção abrange todos os sócios efectivos e compreende não só assistência médica e subsídios pecuniários na doença e na invalidez, como inclui também subsídios por morte revertíveis a favor das famílias dos que faleceram.

Agora mesmo, com o fim de auxiliar os subsidiados por invalidez durante o corrente ano, a Junta Central acaba de distribuir verbas no montante de 1.284 519\$60, por centenas de Casas do Povo do País.

Com estas medidas pretende o Governo proteger aqueles que, esgotados e envelhecidos no labor dos agros, se encontram sem meios de subsistência.

Entre estas duas realidades, a importante verba concedida e o fim a que se destina, auxiliar os inválidos—se situa uma das grandes acções das Casas do Povo, na sua missão de coordenar esforços em atenção à melhoria das condições de vida do povo português e à sua dignificação do trabalho.

Assistência médica ao trabalhador

O cuidado que merece ao Estado Corporativo o bem estar dos trabalhadores de todas as classes, evidencia-se na forma cuidadosa e sistemática por que lhes é prestada a assistência médica. Neste capítulo tem especial importância a acção dos diferentes Organismos Corporativos, principalmente os Sindicatos Nacionais.

Um destes, o Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito do Porto, possui um bem montado serviço de assistência médica de que beneficiam os seus 2.700 sócios e famílias. Durante o ano de 1947, foram prestadas 2.459 consultas médicas, sendo 163 da especialidade de oftalmologia; foram dadas 4.995 injeções e feitos 133 curativos, 15 operações, 144 análises, 1.058 tratamentos dentários e 58 visitas médicas.

Para este Sindicato trabalham quatro médicos de clínica geral, um estomatologista, um oftalmologista e um urologista. Além destes, os sócios podem ainda utilizar-se, com descontos especiais das seguintes especialidades: nariz, garganta, aparelho digestivo, radiologia; e serviços de análises. O Sindicato possui, além disso, um serviço de enfermagem gratuito.

O II Congresso

das Actividades do Distrito de Leiria

A Comissão Executiva do II Congresso das Actividades do Distrito de Leiria, prosseguindo nos trabalhos preparatórios de que se incumbiu para levar a bom termo aquela reunião de estudos distritais, já convidou oficialmente a prestarem o seu concurso não só os maiores valores do Distrito mas também os seus organismos económicos e instituições culturais.

Deseja a Comissão Executiva do II Congresso, que neste colabore o maior número de estudiosos dos assuntos económicos, administrativos, sociais e culturais que se prendem com o progresso da nossa terra e mais deseja que se tragam à discussão as questões mais importantes das actividades distritais, dentro do programa geral estabelecido.

O Congresso é uma reunião de estudos aberta a quantos, por direito de origem ou por interesses criados, se proponham servir e defender o Distrito de Leiria e nesse intuito possam apresentar soluções dos nossos problemas vitais. Quantos vierem animados deste propósito e inspirados por um espírito regionalista construtivo, não deprestar a esta iniciativa um apoio efectivo que lhe garantirá pleno êxito.

Aí fica o nosso apelo dirigido a todos os leirienses de boa vontade e de claro patriotismo. Deles esperamos pronta adesão ao nosso convite, a qual, uma vez obtida, nos permita esperar que o Congresso seja bem leiriense.

A Comissão Executiva do Congresso

Notícias Diversas

No dia 5, embarcou em Lisboa, no paquete «Lima» a imagem de Nossa Senhora de Fátima que veio da Bélgica e esteve no Porto. Segue para a Madeira, Cabo Verde e Guiné.

Membros da classe operária, de diversos mesteres, estão a organizar em Coimbra, uma homenagem ao sr. Ministro da Economia. Contam poder efectua-la em 8 de Maio, feriado da cidade.

A Assembleia Nacional começou a discutir, no dia 13, terça-feira, a nova lei do inquilinato.

O Ministério da Economia informou o público de que é prematuro quanto se diga sobre o novo preço da gasolina e garantiu que o preço do petróleo não subirá.

Foi nomeado comandante da Força Naval da Metrópole, com a designação de comodoro, o capitão de mar e guerra Vasco Lopes Alves.

Corações de vidro!...

O nosso coração
Devia ser de vidro transparente
Que andasse ao peito bem patente
Como medalha ou condecoração.

Por cada má acção que o tempo não desmancha
Viria ao vidro escura mancha.
— A alma andaria à vista:
Mais franca, insufismável realista.

E se este pensamento, em que me integro,
Fosse hoje mesmo experimentado,
Meio-mundo traria ao peito um vidro negro
E o outro meio um vidro embaciado!...

Porto, 1948

Francisco Pires

Contas do Porto

VI

O Instituto para a Alta Cultura por intermédio do Centro de Estudos Humanísticos mantém este ano em activo funcionamento no Porto uma cadeira de Estudos Portunenses que tenho a honra de frequentar e que é regida por dois ilustres portunenses que à História da Cidade mais se têm consagrado, e buscando nos Códices e nos pergaminhos das Bibliotecas todos os elementos que coustetados nos fornecem a matéria do Curso. E para provar como rica e antiga é essa História basta dizer que a origem da Cidade remonta ao tempo do domínio suvo na Península anterior como todos sabem à vinda dos visigodos ou seja ao século VI da nossa era. O velho burgo portunense que então se chamava Portucala situava-se no móro da Sé circundado por uma cinta de muralhas—chamadas suvos ou condais e protegendo assim um castro (A Cidade), lugar de maior altitude da cidade e dominante toda a perspectiva circunjacente. Para documentar «in loco» a matéria em questão, tivemos todos nós, em visita de estudo, o prazer de visitar esse velho burgo, reliquia dos tempos de antanho, percorrendo o circuito das antigas muralhas suvas desaparecidas na sua quase totalidade pois unicamente nos restam um pequeno pano delas na rua de Santana e uma reconstituição duma das torres à entrada da calçada de Vandóme, reconstituição esta levada a cabo a quando das últimas magnificentes festas centenárias da nossa nacionalidade.

Eram 4 as portas de entrada nesse velho burgo: Porta de Vandóme, Porta de Santana, Porta de S. Sebastião e Porta das Mentiras, agora chamada das Verdades. Percorrendo todas essas tortuosas, escuras e imundas ruas do antigo burgo, o portunense nato habituado ao ar lavado e puro da cidade civilizada quase que se sente deslocado

No Bom Caminho

(Conclusão da 1ª página)

seremos chamados a defender o património espiritual de oito séculos para manter livres as estradas do futuro de nossos filhos. Entendo portanto que tudo quanto contribua para fortalecer o entendimento entre os dois povos aproximando-os para que mais se queiram e unam, é obra meritória.

Nem todos pensam assim? Há que dizer e fazer como Salazar ensinou: com eles, sem eles e contra eles, teremos de salvar duas Pátrias, e salvando as, salvar a Europa.

Porque não receio as palavras e não procuro comodamente esquivar-me a posições claras para ficar apto a todas tomar, quero ainda frizar que me parece perigosa a atitude da Inglaterra e da América em face da Espanha, até porque perdem um pouco da autoridade para amanhã dela exigirem, como vai acontecer, apoio corajoso na luta decisiva, que já tarda, contra o comunismo.

Estou finalmente em dizer que a Espanha generosa e grande perdoará o que além de ingrato e injusto traduz defeituosa visão das realidades.

do seu hábito como que transportado de momento a uma terra extranha onde a higéne e a salubridade foram arredadas e a promiscuidade e a falta de sanidade imperam despoticamente.

Bcos e cantos, travessas e lugares escusos percorremos nós onde uma multidão densa se acotevela, discutindo com calor os seus motivos de querela. A luz natural infiltra-se a custo por esse dedado de ruas melhor ruelas mal entrando nas pretensas casas que só de mansardas podem ter o nome e onde se vive permanentemente de luz artificial apesar deste sol primaveril que prematuramente nos brinda neste final da estação de Inverno.

A visita terminou pelo magestoso edificio românico da Sé Catedral ultimamente restaurada nos seus fundamentos primitivos e que é uma das coroas de glória da urbe portunense, templo cheio de beleza arquitectónica, verdadeiro «ex-libris» da cidade invicta com os dois claustros, o gótico e o românico.

O Porto, cidade donde derivou o nome de Portugal, orgulha-se da sua velha e honrosa história que o típico bairro da Sé revive ainda e de que a cidade nova é digna continuadora no presente como o será no futuro.

Porto, Março de 1948.

Narciso Loureiro

Páginas do meu diário

Infelizmente a Humanidade ainda bacila sob os impetus infernais do pesadelo cruciante, que é o rasto aterrador da recente Guerra. Ninguém duvida certamente que esse bacilo da destruição das massas humanas não tenha sido exterminado para sempre. A malograda conferência de Paris, veio mais uma vez mostrar ao mundo a pesada e feroz catástrofe que de novo o ameaça. Cada um, mergulhado no seu egoísmo fatal, defende hipocritamente a sua índole, rasgando com desfaçatez o veu que cobre a sua consciência que por título de Bem lhes havia sido legado. Atiram-se com denodo, atropelando em todos os sectores da vida reccional aqueles que ingenuamente disseminados caminham dia a dia na sua fecunda proibidade de alcançar o sustento quotidiano. Os massacres sangrentos por que passaram milhares de seres humanos, revelam inteiramente o desnoramente malévolo do homem sobre a terra, que gravita arrastado constantemente pela força do destruir, acalentado pelos poderes infernais da vingança.

E, se ao homem, foi dado o nome de rei da criação, — em face dos factos que actualmente se estão a verificar, e dos queis ele é cúmplice; melhor seria titulá-lo como rei da destruição?...

Hoje o homem desconhece totalmente e aniquila os deveres da honra e da justiça, para se entregar à pilhagem da vida do seu semelhante. Massas humanas deslumbradas pelas vociferações de altaneiros corrompidos pelas suas ideias sangüíneas, submetem-se a todas as atrocidades, esquecendo os deveres sagrados da Civilização Cristã. E, depois de serem destruídos tantos lares onde se espalhou o desespero, a dôr e a angústia, é de lamentar

Números da vida portunense

Em dois anos construíram-se 1304 embarcações

A indústria de pesca portunense, factor económico de grande valia, e da qual dependem outras indústrias, valorizou-se, nos últimos anos, com a construção de novas embarcações. Durante o ano de 1946 foram construídas 718 embarcações de pesca com 8 795 de tonelagem de arqueação bruta.

Destes números 640 embarcações, com 8.649 de tonelagem de arqueação bruta, foram construídas no Continente, havendo 667 embarcações sido construídas de madeira, à vela ou a remos e 78 sendo de populsão mecânico.

No ano anterior, o número de embarcações construídas para a pesca havia sido de 586, com 8.618 toneladas de arqueação bruta, das quais 519 no Continente e 67 nas Ilhas.

A construção foi feita no Norte, Centro e Sul, pela forma seguinte: 306 embarcações no Norte, 230 na região do Centro do País e 104 na região do Sul.

Anunciar em
„A REGENERAÇÃO“
é ter como certo
um bom êxito

profundamente que ainda haja tributários caudalosos que sustentem os rastilhos com que de novo pretendem incendiar o mundo.

Portugal, País de paz e de trabalho, soube manter-se incólume, afastado desse torvelinho, graças à acção talentosa dos seus governantes. Eles souberam, sabem e saberão corresponder com a sua índole de bom servir, as necessidades que a Nação impõe. Contudo, ainda há infelizmente quem condene o significado da sua acção puramente patriótica! Esses, são os arrastados pelas ideias torpões do comunismo; esse mal que contamina os espiritos ôcos de solidariedade e de fraternidade Cristã.

Com esses, não podem os portunenses de Bem, contar no seu orgulho constante, num ideal comum de bem servir; ficam e andam esquecidos por eles, ao sabor dos seus execráveis e hediondos comentários. Para esses há a negação de Deus, a negação da Pátria, a negação da Família — atentam portanto a Ordem Social.

Recorde-se as palavras do eminente Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar:—*Portugal pode ser, se nós quisermos uma grande e próspera Nação*. E, na verdade, se todos os portunenses analisassem concretamente o sentido desta ilustre afirmação, certamente que encontrarão bases sólidas para um progresso de Bem-Estar Comum-Social. Nada é impossível, e com um pouco de boa vontade aliada a um espírito de compreensão, fundada em princípios cristãos, todos podem ser bons servidores de Deus, da Pátria e da Família.

L. bito, Março de 1948.

A. Silva Jorge

Publicações

e Revistas

Bairro da Liberdade

Por Manuel Martinho

Denso de realismo, escrito com aliciente encanto «Bairro da Liberdade», é um romance diferente, que marca nitidamente, uma posição entre as obras dos mais modernos prosadores portunenses.

Não se trata dum livro de ficção, complexo, onde tudo é urdido cerebralmente. Não. «Bairro da Liberdade», é a vida, (como o autor acentua numa carta à guisa de perfácio) dum homem que, mercê da tenacidade, de brio e da inteligência, consegue, no mar revolto da vida, uma expressiva situação social. Tudo, nele, é real. Até no amor, na paixão e na luta há laivos de ternura que comovem. «Bairro da Liberdade», é, por isso, uma obra de extraordinário vigor, com dureza e sacrifício, porque a vida (como o romance exalta) nem sempre é sorridente para quem a merece.

Bem andou «Bolsa Cultural», que já tem, nestes últimos anos, uma obra editorial merecedora da atenção do público em iniciar esta nova colecção «Prosaadores Nova Seiva». Ela irá certamente, acolher os autores mais jovens que, sem protecção nem estímulo, deixem nas gavetas ao abandono, tantos sonhos de triunfo que,—quem sabe?—publicados, alcançariam o carinho do público.

«Bairro da Liberdade», estreia dum romancista, Manuel Martinho, é mais que uma promessa —é, temos a certeza disso, a confirmação dum verdadeiro temperamento literário que, desde já, vai emparceirar na fileira dos escritores que sabem ganhar a admiração do público.

E sendo assim, «Bolsa Cultural» que à causa do livro tem dedicado o melhor do seu entusiasmo, do seu carinho, fica de parabens por ter editado um belo romance — e de ter revelado, por consequência um bom escritor.

«Bairro da Liberdade», de Ma-

nuel Martinho, que se tem afirmado, na Imprensa Portunense, como um dos melhores cronistas da moderna geração, constitui um autêntico êxito literário que perdurará, firmemente, como um livro inesquecível, rico de expressão e humanidade.

«Bairro da Liberdade», tem uma expressiva capa do talentoso pintor Baptista Rudz e um belo aspecto gráfico.

A. L. E.

Ver e crer

Não incorre em pecado de exagero quem classificar de admirável a tenacidade de que tem dado provas o exelente mensário «Ver e crer», que, com perto de dois anos e meio de publicação, não conhece desfalecimentos e sempre se mostra possuído de um espírito vigoroso, portador em si mesmo das forças para a constante renovação. Dentro do estilo que criou e que é, já hoje, um estilo próprio, «Ver e crer» em cada número nos traz, variada e escolhida colecção de artigos sobre assuntos do mais palpitante interesse, com o intuito permanente de informar e esclarecer.

Artigos de assuntos científicos, históricos, literários e artísticos, assinados por numeroso, variado e competente escol de colaboradores dão a esta revista um lugar à parte nas publicações editadas entre nós. A apresentação gráfica é exelente, com magníficas capas assinadas pelos nossos melhores artistas.

Quirino Sampaio

Médico especialista

Doenças da boca e dentes,

Prótese dentária

Consultas às sextas feiras das 10 às 15 horas na Praça José Malhoa Figueiró dos Vinhos

Máquinas de Costura

Vende a pronto e a prestações. Irolinda Nunes Curado Figueiró dos Vinhos Telefone-34

Passa-se Armazém de azeites. Tratar com Aníbal Silveira Herdade—Figueiró dos Vinhos.

Precisa-se de uma mulher dos 40 a 60 anos, que queira fazer companhia e zelar uma velhinha. Receberá 10\$00 diários e comida. Na redacção deste jornal, se dão outras indicações.

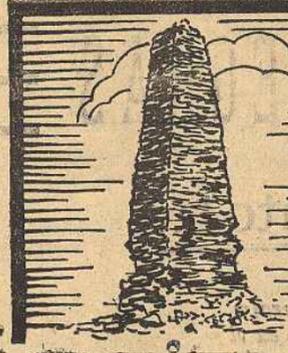
Gustavo Coelho Godet

O único estabelecimento no género, modas, fazendas de Lã e Algodão, Lãs em fio, Casacos e Giletes para senhora e meninas, últimas novidades em Plóveres, Camisas e Chapéus, para homens. Completo sortido para Casamentos e Baptizados, última moda em botões de fantasia e tem máquina para forrar botões e fivelas.

Preços fixos e sem receio de confrontações

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura



DAQUEM TREVIM

Número 43

Página Regional de Castanheira de Pêra

Ano I I

Avença

Redigida por Luso & Egas

Em Boa Companhia...

No número 1585, de 1 do corrente, do jornal «O Mensageiro» que em Leiria se publica sob a direcção do nosso estimado amigo sr. Padre José Ferreira de Lacerda, vinha publicada a local que com a devida vénia, passamos a transcrever:

“Exonerado e demitido

Num dos concelhos do Distrito travou-se renhida discussão sobre as palavras de demissão e exoneração, acordando-se por fim em que exoneração era demissão pedida pela própria pessoa, que exercia o cargo, e demissão era a saída do cargo por mandado superior.

Acordou-se, não é bem assim, pois os que defendiam que exoneração e demissão são uma e a mesma coisa recalitraram e foram vencidos mas não ficaram convencidos.

GOVERNADOR CIVIL

No pretérito dia 5 visitou esta vila o sr. Governador Civil de Leiria que foi recebido pelos vereadores da Câmara Municipal e pelos elementos da Comissão Concelhia da União Nacional.

Depois, em companhia do Presidente da Câmara e do Presidente da União Nacional, visitou diversos lugares do concelho para de visu se certificar das necessidades de cada povo, certamente para, dentro do possível, procurar satisfazê-las.

Seria bastante interessante se além daquilo que há muito está pedido e representa necessidades urgentes, alguma coisa mais pudesse ser feito, pois, na verdade, dentro do concelho, todos os povos carecem de muito, especialmente caminhos e fontes. Assim haja dinheiro para tudo executar.

Devem ser sempre proveitosas visitas desta natureza tanto para os povos visitados, como para as autarquias locais e até mesmo para autoridade visitante.

Agora o Diário do Governo veio dar-lhes razão, pois tendo sido exonerado o sr. Governador Civil de Viana do Castelo e correndo por lá que o fora a seu pedido a folha oficial veio dizer que fora exonerado por conveniência de serviço.

Então fica assente que exonerar e demitir são uma e a mesma coisa, apenas com esta diferença: exonerar é pôr na rua com boas palavras, agradecimentos, salamalesques; demitir é correr a pontapé.

No fundo o efeito é o mesmo, o que há é diferença na forma ou causa do cozinhado.

Ficamos, pois, todos esclarecidos em definitivo quanto ao verdadeiro significado dos termos EXONERAR, que é pôr na rua com boas palavras, agradecimentos, e salamalesques... e DEMITIR que é correr a ponta-pés.

Portanto, quando tratámos do esclarecimento sobre o significado da palavra EXONERAR, estávamos em boa companhia ao pretendermos interpretar que ela, só por si, não significava a demissão a pedido da pessoa demitida, mas pura e simplesmente uma demissão imposta, embora com agradecimentos e salamalesques.

E lá veio novamente o DIÁRIO DO GOVERNO a dar-nos também razão. Coisas da Língua Pátria... mas que são, como são.

Espairecendo...

Aquele Parque...

A Primavera nasceu risonha, perfumada, toda moça. Mas como os dias anteriores eram dum sol quente, dum céu azul sem fim, se não fôra o calendário a anunciá-la, eu diria que ela teria vindo há muito.

Mas não. Nos ares corre um perfume estranho, inebriante, delicado, diferente de todos os outros.

As flores, essas florinhas que o Poeta de Assis tocava com seu bordão em cumprimento afável, quase infantil, abriram as suas corolas e as mil umas cores que Deus distribuiu profusamente pela natureza, às mãos cheias, brilham à luz do sol que as beija castamente e as enche de luz em translúcida atmosfera.

Na primavera tudo floresce. Montes, vales, cômodos, silvados, tudo, enfim, se veste de novo para receber a visita da Primavera.

A mão do homem ainda não tocou ali e por isso a natureza apresenta-se com a sua original e descaída mocidade em rude sintonia ao Criador.

Mas aqui perto, dentro dos limites desta terra perdida nos contrafortes da serra que a emoldura de todos os lados, cujo cenário único é céu azul e serra brava, a mão do homem caprichou em simetria e cuidado.

No jardim da Casa da Criança, recinto plano, quase escondido das vistas de quem passa na estrada, oferece um espectáculo agradável e surpreendente.

Não sendo muito extenso apresenta, contudo, uma variedade sempre nova, um carinho escondido, mas real, em todos os seus cantos e sebos. Ali não há monotonia. Há frescura, poesia, sensibilidade — direi mesmo — paisagem, ao lado do bom gosto que a todas as formas imprime.

E se a natureza é bela nesta quadra bela da Primavera, é lá que se sente o calor subtil dos ares inebriantes de perfume e de candura numa nota encantadora de graça, de beieza e de poética saudade.

Castanheira de Pêra, Abril de 1948.

Villar Penedo

Gantinho bem serrano, quase oculto
Aonde a natureza é quase agreste,
Se queres enobrecer a quem te amou
Terás que não esquecer os desta terra
Altar aberto a tanta luz celeste
Naquela limpidez que me encantou,
Humanamente, neste teu rincão
Expôsto ao Sol de Deus — o nosso Sol —
Invade-me a saudade do meu mar
Risonho ao poetico arrebol.
Aqui... só tem poesia a solidão.

Deveste ser fadada antigamente,
E desde então tu ousas, certamente,

P'ra sempre conservar o teu brasão.
E assim, para o futuro és a adoptiva
Razão da minha vida, porque a vida
Até a ti prendeu meu coração.

Março de 48

Pelo Sindicato de Lanifícios

Nada se sabe ainda de positivo quanto aos Corpos Gerentes de 1948/50!

Não se compreende que assuntos desta natureza e de tanta vitalidade para os organismos se deixem protelar por tanto tempo sem uma resolução rápida e justa. No interesse de todos seria conveniente que houvesse mais rápido expediente e que estes assuntos fossem antes tratados a tempo de maneira a que no começo do ano entrassem em exercício os Corpos Gerentes correspondentes ao novo período directivo.

Há certa recomendação superior às Direcções dos Sindicatos e certamente de outros organismos, para que sejam comprimidas as despesas e isso achamos de toda a justiça. O que não podemos compreender é que por outro lado se provoquem despesas que poderemos considerar de inúteis e que levam o dinheiro que mais utilmente poderia ser aplicado. Por vezes há no nosso meio necessidade imperiosa de auxiliar algum operário naquilo que doutra maneira não consegue e verifica-se que o Sindicato nem sempre tem maneira de o fazer, porque lá está o papão do orçamento que o não permite.

Contudo, para passeatas, como aquela que a Direcção fez a Leiria no dia 4, inutilmente, o dinheiro tem de aparecer. Sabemos que não cabe a culpa à Direcção porque a sua presença foi solicitada. Mas à própria Direcção compete zelar melhor pelos fundos do Sindicato chamando para quem de direito, na altura própria, a atenção para despesas supérfluas!

Que foi a Direcção do Sindicato fazer a Leiria?! Ouvir a

Pensão Familiar

Bons quartos, Bom tratamento, Bons Preços
R. Manuel Antunes Ceppas,
Castanheira de Pêra. Telef. 13

De tudo... um nadinha

×Chegaram a Lisboa os internacionais do Oquei em patins que foram recebidos apoteoticamente, como verdadeiros heróis!

×Mercê de visita feita, certamente e oxalá que sim, vão surgir obras e surpresas!

×Em Berlim as coisas estiveram fuscas, mas parece que ficaram por isso mesmo porque duas pedras asperas nem sempre fazem boa farinha!

×Pela Itália a coisa está a dar que pensar. O dia 18 será um grande dia, ou para um ou para outro lado!

×A falta de limpeza cá pelo burgo continua a ser manijesta!

×A obra para a construção do edifício para habitação paroquial, vem prosseguindo normalmente!

×Parece ir haver certo movimento de junção na secção de Finanças cá da terra!

Secretaria da Câmara

Tomou posse do cargo de Chefe da Secretaria da Câmara deste concelho o sr. Abílio Alves Bebiario que há pouco havia ficado aprovado no concurso que fez.

Trata-se de um nável funcionário que iniciou a sua carreira na Câmara cuja secretaria agora passou a chefiar e com qualidades para bem poder desempenhar as suas funções e oxalá que o venha a conseguir, como esperamos.

O acto da sua posse, embora não conhecido de muitos, foi bastante concorrido.

Orquestra da FNAT, simplesmente?!
Não é assim que os sócios do Sindicato desejam ver aplicado o dinheiro das suas cotas que tanta utilidade pode vir a ter. Não! Que se aplique sim, embora mesmo em viagens, mas UNICAMENTE quando delas possa resultar algo de útil e proveitoso para o Sindicato ou seus associados. E só assim. Superiormente, estamos certos que com justiça, ninguém poderá censurar uma orientação desta natureza que servirá também para dignificar os organismos corporativos. Não será assim?!

CASAS

Económicas

Tem-se dado o maior impulso à construção de casas económicas, uma das mais interessantes obras e de mais elevado alcance social e sentido humano que o Estado vem realizando.

E' principio constitucional o de que o Estado assegura a constituição e defesa da família, como fonte de conservação e desenvolvimento da raça, como base primária da educação, da disciplina e harmonia social e como fundamento da ordem política e administrativa, pela sua agregação e representação na freguesia e no município.

E, em ordem à defesa da família, expressamente lhe pertence favorecer a constituição de lares independentes e em condições de salubridade.

Pelas suas características e regime de atribuição da sua propriedade, as casas económicas são uma forma de plena realização do pensamento constitucional.

As casas económicas são bem construídas, com simplicidade e bom gosto, em estilo português, agrupando-se em bairros de agradável ambiente e linda paisagem.

São lares independentes, moradias isoladas, mais conformes à nossa maneira de ser e preservando o recato da vida familiar, e oferecerem todas as condições de salubridade e de vida higiénica.

O morador—adquirente da casa económica adquire a sua propriedade mediante o pagamento de prestações mensais regulares, durante 20 anos, abrangendo, além da amortização e juros do capital, prémios de seguros de garantia do pagamento nos casos de morte, invalidez, doença e desemprego.

E, decorridos 5 anos, poderá ser feita a amortização total por antecipação.

A obra das casas económicas, proporcionando ao trabalhador uma casa em condições de economia e de vida sã, e que vai pagando pouco a pouco até à sua completa aquisição, constitui sem dúvida uma das mais notáveis realizações da nossa política social, e daí o impulso que lhe vem sendo dado.

Efectivamente, no plano de obras a realizar no ano corrente pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais sobressai a construção de casas económicas que importará na considerável verba de 80 mil contos.

A estatística das casas económicas totaliza 11.182, das quais 5.572 já habitadas e as restantes já previstas na lei e a construir em breve.

Lisboa possui 3.458, dessas casas habitadas, distribuídas por nove bairros, e vão ser construídas mais 3.154, além de 300 em Caselas, das quais 100 já construídas.

O Porto tem 1.276, em oito bairros, e já estão previstas na lei mais 358, além de 154 no respectivo concelho.

Já se encontram concluídas 64 casas económicas em Viana do Castelo, 132 em Braga, 78 e Guimarães, 24 em Bragança, 34 em S. João de madeira, 34 na Guarda, 70 na Covilhã, onde vão ser construídas mais 122, 60 em Coimbra, onde serão construídas mais 500, 76 em Vila Viçosa, 100 em Portimão, 66 em Oitão, onde vão ser construídas mais 100, e já estão previstas na lei mais 102 para o Entroncamento, 500 para Almada, 220 para Setúbal e 102 para Faro.

A estes números há que juntar os

dos bairros fabris, de iniciativa privada, ligados a certos meios industriais, e que constituem também uma realidade importante.

Mostra-se assim quanto se tem feito em Portugal no sentido de dar solução a um dos mais importantes problemas da vida do trabalhador — o problema da habitação.

Vai-se realizando uma política de dignificação humana, dando ao trabalhador uma casa que, sendo cada vez mais sua até a adquirir completamente, é desde logo a casa do seu coração.

M. S.

Ministério da Economia

Junta Nacional dos Produtos Pecuários

Aviso aos produtores de lã e aos manageiros da tosquia

Tendo-se verificado que muitas das causas que inferiorizam e desvalorizam as lãs nacionais se encontram em deficiências cometidas durante as operações de tosquia, enrolamento e armazenagem dos velos, vai a Junta Nacional dos Produtos Pecuários promover a realização de cursos de adestramento para manageiros profissionais englobando neste primeiro ano de actuação as regiões adiante indicadas. Estes cursos terminarão por provas teóricas e práticas.

Aqueles que tenham conseguido bom aproveitamento, a Junta passará cartas de aptidão profissional, devendo os produtores, no seu próprio interesse, só aceitar os serviços de camaradas de tosquiadores chefiados por manageiros encartados.

A J. N. P. P. só avaliará, classificará e poderá adquirir partidas de lã que tenham sido tosquiadas por manageiros encartados e que satisfaçam às normas ensinadas nos cursos.

A J. N. P. P. manterá brigadas técnicas de assistência às tosquiadas, que vigiarão o trabalho dos manageiros encartados e ministrarão ensino adequado aos tosquiadores.

Os produtores que o desejem poderão enviar também aos cursos de adestramento para manageiros, alguns dos criados de lavoura que se ocupem das tosquiadas.

Nos Grémios da Lavoura das zonas produtoras de lãs não churras da Beira Baixa, R.batejo, Estremadura, Alto e Baixo Alentejo, poderão os lavradores informar-se das datas e locais onde vão realizar-se, nessas regiões os referidos cursos.

Os manageiros que actuem nessas áreas e que, não estando ainda inscritos na Junta Nacional dos Produtos Pecuários, queiram assistir aos cursos, podem inscrever-se dirigindo-se para isso aos Grémios da Lavoura ou, por escrito, à sede da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Apartado n.º 463 — Lisboa.

Enquanto durarem os cursos, a Junta pagará a cada manageiro Esc. 25\$00 por dia.

São também criados prémios de 1.000\$00, 600\$00 e 300\$00 para os manageiros que mais se evidenciarem e tenham conseguido melhor aproveitamento.

COBRANÇA

A todos os nossos presados assinantes em débito pedimos o favor de nos enviarem as importâncias correspondentes às séries em atraso.

Dado que as despesas de cobrança sobrecarregam em muito a nossa tarefa, só teremos a louvar o gesto dos nossos assinantes que correspondam a este nosso pedido, evitando-nos despesas que nem sempre nos são aproveitáveis.

Muito importante:—Aos nossos assinantes do Estrangeiro e Colónias, que têm o seu pagamento em muito atraso, pedimos para nos mandarem pagar pelos seus procuradores ou pessoas de família, as suas assinaturas.

E' difícil, se não impossível a cobrança pelo correio.

Caso não nos mandem pagar nem nos digam nada sobre o assunto, ver-nos-emos na necessidade de lhes suspender a remessa do jornal.

CARTEIRA

Em Aldeia de Ana de Aviz, vindo de Lisboa, encontra-se o sr. Fernando Dinis Herdade.

— Em casa de seu pai, sr. Jerónimo Rodrigues Pinhão, encontra-se nesta vila a sr.ª D. Maria Helena Calazães Duarte.

— Para Lisboa seguiu, na passada quinta feira o sr. António Ferreira da Silva, tipógrafo nas nossas oficinas.

— Em casa do sr. Sebastião Mendes Medeiros, encontra-se o seu cunhado sr. Manuel Joaquim Coelho, comerciante em Aljustrel.

Nascimento

Nesta vila, deu à luz no dia 9 deste mês uma robusta criança do sexo feminino a sr.ª D. Luisa de Almeida Freitas, esposa do sr. João Dias Graça, aspirante na secção de finanças desta vila, a quem felicitamos.

Pela Redacção

Enviaram-nos importâncias para pagamento das suas assinaturas os nossos amigos, srs. Américo Campos, de Lisboa e Agripino Coelho da Fonseca, de Benguela.

Liquidaram na nossa redacção as suas assinaturas os nossos amigos, srs., Alfredo Dias Curado, Augusto José, José Gonçalves Ramos Júnior, Angelo David e Silva, António Curado de Almeida Júnior, Manuel da Silva Quaresma e Marçal da Silva Ribeiro, todos de Figuró.

José Coelho David e Eduardo José da Salaborda Nova—Joaquim da Silva Ribeiro, Alcácer do Sal—Manuel Rodrigues Ferreira e João António—Encheçamas—Osório da Silva—Angola e Horácio dos Santos d'Oliveira—Ribeiro Travesso.

— Também pagou a sua assinatura e dos nossos assinantes srs. Manuel Pires—América do Norte e Carlos Silveira Herdade—Brasil—o nosso amigo sr. Anibal Silveira Herdade.

A todos os nossos agradecimentos.

Augusto Gomes da Costa

A passar alguns dias encontra-se nesta vila acompanhado de sua esposa, o nosso amigo sr. Augusto Gomes da Costa, conceituado comerciante em Lisboa.

CAPAS NEGRAS

Encantamento!...

*Ao passar junto de um jardim
Olhei, e, entre as demais, eu vi
Uma florita rósea, um querubim
Que não me quis deixar sair dali.*

*Entrei, e nessa creche a que chamei jardim,
Havia um tal encanto, tal doçura,
Que não mais esqueci
A sensação de encanto e de ternura
Que ali colhi!...*

*Mimosas bocas, bés rosados,
Crianças loiras de alma inocente,
Vestidos leves, pelo sol doirados,
Duma candura que se espalha à gente!...*

*Oh! quem me dera viver ali
Entre as crianças de alma inocente!...*

● Rosa Rubra ●

Uma Doutora

Encantamento!

No próximo número «Capas Negras» estão em festa!

Sim, em festa, teremos o prazer de apresentar aq.ue nossos ilustres leitores e amigos uma Doutora Figueiroense— a Quartanista de Farmácia — Senhora D. Ricardina da Assunção António.

Teve a gentileza de oferecer para os Capas Negras o seu livro de Quartanista e nós num gesto de camaradagem, vamos dedicar-lhe um número, publicando a sua caricatura e os versos que a acompanham. Chamaremos a atenção para estes, pois Francisco Pires, seu autor, mais uma vez mostra as suas tão exuberantes qualidades que neste caso manifestam a alegria de Tio perante o triunfo da Sobrinha, abertos.

E' com grande prazer que publicamos os versos que acima vão de Rosa Rubra, uma estudante universitária, figueiroense que deu o seu apoio, a sua colaboração, aos Capas Negras.

A beleza dos seus versos e a maneira como estão escritos provam bem as aptidões da jovem académica a quem felicitamos e ao mesmo tempo agradecemos muito reconhecidos tão valiosa poesia.

Que o exemplo frutifique e que todos os jovens estudantes fiquem rosenes deem o seu apoio... que nós cá os recebemos de braços abertos.

QUADRAS

*Lindas águas do Mondego
E os salgueiros a cantar!
Quando a cheia é de tristezas
Ninguém o pode passar!*

Antero do Quental

*O amor em quem aparece,
Dizem que faz maravilhas,
E nunca vi que fizesse
Mais do que filhos e filhas.*

*Trazias há pouco um vestido,
Agora foste mudá-lo.
Ah! Se eu tivesse podido
Abráçar-te no intervalo...*

*As que amei, foi tão somente
Para te amar com ternura.
Quanto a actos faz a gente,
Para uma só formatura?*

*Não queiras saber pelos sábios
O que é amar, minha louca!
Bons mestres são os meus lábios,
Nas aulas da tua boca...*

*Por andar atrás de ti
Rompi as solas das botas
Agora ris-te de mim
Porque tenho as botas rotas.*

*Gosto de ti e não sei,
E não sei qual a razão.
Gosto de ti porque gostol
Caprichos do coração.*

*Meu peito dobra a finados,
Morren o meu coração.
Deus lhe perdoe os pecados
Que lhe ouvi em confissão.*

*O vento é para o fogo
O que a ausência é para o amor,
Se é pequeno, apaga-o logo
Se é grande, torna-o maior.*

*Meu coração é pequeno
P'ra guardar tão grande amor,
Se fosse coisa possível
Um maior mandava pôr.*

*O amor duma mulher
E' caldo verde amornado,
A' mais pequena fervura
Temos o caldo entornado.*